



A literatura no território do normal e o patológico

Lucas Guilherme Fernandes, Marina Alonso de Rezende Gripp, Ivy França Carvalho, Leonardo Pinto de Almeida

As relações entre o normal e o patológico estão postos numa relação cada vez mais tênues diante a realidade dos diagnósticos e os novos modos de subjetividade na contemporaneidade. Diante desse problema, fomentam-se ainda mais questões sobre o estado clínico da loucura e tal necessidade de incluí-la nas relações de saber e poder psiquiátrico. O presente trabalho pretende levar tais conceitos a sua radicalidade e compreender o que pode-se resultar através da pesquisa bibliográfica de autores tais como Blanchot, Foucault e Deleuze no que versam sobre a intrínseca relação entre a loucura e a literatura. Aproximamos literatura e loucura enquanto acontecimentos na fronteira da linguagem, que provocam modos de ruptura com a fala cotidiana. A literatura, ao contrário de um aperfeiçoamento, é uma linguagem errante que nada comunica e subverte os códigos da língua em questão. Por outro lado, a loucura é a linguagem excluída da sociedade perpassando os domínios associados à sexualidade, ao discurso, ao trabalho e aos eventos sociais em geral. Pretendemos abrir um diálogo através dessa relação a fim de questionar a díade do normal-patológico compreendendo o que as relações da literatura e da loucura tem a nos oferecer e as questões que dela podemos obter. De que modo a loucura na literatura ou a própria literatura confere um estado patológico? As figuras do autor e escritor também são capturadas através da nosologia atual? Pretendemos avançar nessa discussão através do texto de Georges Canguilhem e os autores supracitados no que conferem destas tão pertinentes relações. Neste território em que se jogam as figuras da saúde e da doença, compreendemos a literatura como um empreendimento de saúde que é a própria afirmação da vida.

Palavras-chave: Literatura, Loucura, Patologia.

Instituição de fomento: UFF

